

Senhor Presidente  
Senhoras e Senhores Deputados  
Senhora e Senhores Membros do Governo

É bom recordar Abril! É bom comemorar Abril! É bom celebrar Abril!

A Revolução dos Cravos foi, sem qualquer sombra de dúvida, o maior acontecimento da História de Portugal do século XX.

O 25 de Abril foi uma rotura com toda a vida de Portugal no século passado.

Apesar da implantação da República em 1910, não conseguimos fazer prevalecer os seus objectivos e claudicámos com a ditadura militar implantada em 1926, agravada com a criação do Estado Novo em 1933.

O 25 de Abril foi a rotura com todo o passado, sobretudo com o obscuratismo dos 48 anos da ditadura do Dr. António Oliveira Salazar.

A Revolução de Abril surge sobre a sigla dos três “D” – Democratizar, Descolonizar e Desenvolver.

A Democratização do País foi-se construindo desde logo com a livre expressão de cada cidadão sem qualquer censura nos Órgãos de Comunicação Social, liberdade de reunião e representação, voto universal para todos os portugueses e todas as portuguesas, extinção da PIDE, libertação dos presos políticos, regresso dos exilados políticos. Procedeu-se ao recenseamento eleitoral de toda a população, realizaram-se eleições livres pela primeira vez um ano depois, elaborou-se e aprovou-se a Constituição da República Portuguesa que consagrou a Autonomia dos Açores e da Madeira. A Autonomia Regional é uma Conquista de Abril, a nossa Autonomia é uma Flor de Abril.

Beijar a namorada no Jardim de Angra já não é ofensa contra a Nação, motivo que levava a quem o fizesse, a ser detido nas instalações da PIDE.

Senhor Presidente  
Senhoras e Senhores Deputados  
Senhora e Senhores Membros do Governo

Outro grande desiderato do 25 de Abril foi a Descolonização. O fim da guerra colonial que ceifou milhares de vidas, mutilou milhares de portugueses, enlutou famílias por todo o País, e que veio dar a independência às, então colónias, e hoje países livres, irmanados na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Senhor Presidente  
Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Comemorar o 25 de Abril numa democracia jovem, de 30 anos, mas por isso mesmo também já adulta, é antes de mais afirmarmo-nos na nossa maturidade. Maturidade que se deve manifestar de uma forma exigente na vivência do presente e no perspectivar do futuro, mas também no reconhecimento do passado e do momento inicial que lhe deu corpo.

A nossa democracia nasce na madrugada do dia 25 de Abril de 1974, num processo claro de ruptura com um regime no qual poucos se reviam. Nasce pela mão das Forças Armadas e pela adesão da grande maioria da população – uma revolução que nos restituiu a democracia.

Ao longo de 30 anos o país foi mudando por vontade manifesta em voto. Uns revêem-se numas políticas outros noutras! É assim a vivência em democracia! Tal não justifica a reescrita ou o branqueamento da História, sempre injustificável. É uma questão de bom senso mas também de bom gosto, porque não é efectivamente de bom senso não assumir clara e festivamente a sua própria génese e não é concerteza de bom gosto copiar propaganda alheia – gasta e acabada pelo próprio acto que se comemora.

Comemorar o 25 de Abril é festejar sem complexos a liberdade e aceitar a diferença, mas é também, em liberdade, reconhecer e afirmar sem ambiguidades essas diferenças.

Se em 30 anos muito mudou, no país e no contexto internacional, tal não nos deve impedir de ver como se defendem hoje os valores de Abril, ou seja, os valores de uma sociedade aberta e livre que se deseja sempre em desenvolvimento. Se os valores de Abril são múltiplos, já que vividos e interpretados de formas distintas, não tenhamos dúvidas, não cabem neles aqueles que consubstanciam o que ele veio alterar, ainda que surja com roupagens modernas ou disfarçadas – mal disfarçadas. Que as ideias saudosistas de alguns, poucos, que nunca desaparecerão – há que reconhecê-lo – se limitem ao que efectivamente são – um álbum de recordações de uma sociedade perdida há já três décadas, que não se devem subtilmente transformar em medidas políticas, mesmo que avulsas ou envergonhadas.

Para o Partido Socialista trata-se de afirmar, como sempre o fez, não só a defesa do desenvolvimento económico – que não se restrinja a uma política meramente desenvolvimentista – mas também do desenvolvimento social e cultural.

Comemorar é reflectir no que se fez e no muito que há para fazer. Se houve mudanças visíveis em todos os aspectos da vida portuguesa possibilitadas pelo regime democrático que o 25 de Abril de 1974 instituiu, estas devem ser justamente salientadas, sem esquecer, todavia, o necessário confronto com as tendências verificadas nas sociedades cujos modelos partilhamos. Partilha que

para muitos é um desejo antigo e inequívoco para outros apenas um amor recente e fugidio ou se calhar um amor de conveniências ou a mera conveniência de um outro amor – o do poder.

Hoje, mais do que no passado recente, são visíveis na sociedade portuguesa concepções políticas distintas do que pode ou deve ser a modernidade: se ela se dirige a largos sectores da população ou se, pelo contrário, tem como prioridade a recomposição económica, social e cultural que o 25 de Abril fez esboçar. Como em tudo não há só uma verdade ou uma mentira, não há só um caminho ou só outro, não há só o preto e o branco. Há também cinzentos, é certo, válidos até se os tomarmos como moderação dos extremos que os tempos e as circunstâncias alteraram, mas que não devem ser confundidos com o cinzentismo, fruto da insegurança, da imaturidade ou da dificuldade em compatibilizar o que é incompatível.

Senhor Presidente  
Senhoras e Senhores Deputados  
Senhora e Senhores Membros do Governo

Comemorar o 25 de Abril em 2004 é, para o Partido Socialista, também apontar as diferenças que o separam da actual política nacional.

Uma política económica, propagandeada por uma retoma que não chega, por razões externas – insistentemente explicitadas e por razões internas – insistentemente ignoradas.

Uma política social, ao nível da saúde, do trabalho e da segurança social que retalha direitos adquiridos e os substitui por medidas, ditas e propagandeadas como inovadoras.

Senhor Presidente  
Senhoras e Senhores Deputados  
Senhora e Senhores Membros do Governo

Comemorar Abril é comemorar a Autonomia que trouxe aos Açorianos a Liberdade, que trouxe aos Açores capacidade de organização e planeamento, que transformou o arquipélago dos Açores, as ilhas adjacentes dos Açores e da Madeira com estatuto de Regiões Autónomas, com órgãos de governo próprio.

Foi com o regime autonómico que os Açores se afirmaram perante o País, que os Açorianos obtiveram o direito de traçar os seus destinos optando por modelos de desenvolvimento modernos, adequados às nossas necessidades e às nossas capacidades. Foi assim que se quebrou com o estigma de emigração que tão profunda sangria provocou na fuga de tantos Açorianos para outras paragens na busca de uma vida melhor, de melhores condições de trabalho, de habitação, de educação para os seus filhos.

Comemorar Abril é recordar o quanto se fez nestas nossas Ilhas, nos mais variados campos, do político ao económico, do social ao cultural.

Hoje temos uma Região de que nos devemos orgulhar pelo muito que todos construímos ou ajudámos a construir.

Mas é igualmente nosso dever perspectivar o nosso futuro, o muito que temos a fazer para nos alcandorarmos aos níveis de desenvolvimento de outras regiões da Europa a que pertencemos.

É necessário continuarmos com medidas políticas em áreas que nos garantam maior e melhor desenvolvimento: Educação, formação profissional, novas tecnologias de comunicação e informação, turismo, modernização da agricultura e das pescas, novos modelos de organização e gestão empresarial, aprofundamento dos cuidados primários de saúde e diversificação dos cuidados especiais, modernização da nossa indústria, especialmente na área dos lacticínios, etc, etc.

Senhor Presidente  
Senhoras e Senhores Deputados  
Senhora e Senhores Membros do Governo

A Constituição da República, lei mãe de todas as leis, está hoje e amanhã a ser revista tendo como pano de fundo a revisão do Título VII referente às Regiões Autónomas.

O Partido Socialista foi o primeiro a apresentar em Setembro passado o seu projecto tendo-se empenhado com especial atenção nos trabalhos da Comissão que conduziram ao acordo realizado com a maioria parlamentar da Assembleia da República que culmina com as votações de matérias que consideramos relevantes: reforço da capacidade legislativa da Assembleia Regional, substituição da figura do Ministro da República e alteração do sistema eleitoral com a eleição de deputados representantes dos açorianos residentes fora da Região para esta Assembleia e para o Parlamento Europeu.

O Partido Socialista comemora o 25 de Abril com tanta esperança quanto os Açorianos têm no seu futuro, cientes da sua capacidade de trabalho, do seu espírito de empreendimento, da sua vontade de vencer, do seu desejo de se manterem livres e autónomos, empreendedores do seu desenvolvimento.

Comemorar o 25 de Abril é, como na Explicação do País de Abril, nas palavras de Manuel Alegre afirmar e desejar, que o:

*“País de Abril é o sítio do poema.  
Não fica nos terraços da saudade  
Não fica em longes terras.  
Fica exactamente aqui  
Tão perto que parece longe.”*

Disse. Muito obrigado.

Horta, Sala das Sessões, 22 de Abril de 2004  
O Presidente do Grupo Parlamentar do PS: Francisco Sousa